

**AFINAL DE CONTAS
ESTÁ-ME CÁ
A PARECER
QUE CÁ NA TERRA
HÁ MUITO MAIS
COMODISTAS
QUE
COMUNISTAS!**



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



QUEIXINHAS ADIRECTOR

Senhor Director

Gostaria que no jornal que V. Exa. mui superiormente dirige, fosse permitida a publicação desta carta.

Sou por hábito um assíduo telespectador e tenho verificado nos ultimos dias a ausência de alguns dos grandes programas doutros tempos.

Refiro-me subjectivamente a Carradas de Oliveira e Ultra Faria, comentadores de elevado nível espiritual e tanto anedóticos, sorridentes, verdadeira exposição de dentaduras postiças.

O Carradas de Oliveira (também conhecido por Carradas de Asneira) cada assunto versado, era um autentico tratado político.

O Ultra que também era Faria, um verdadeiro doutor de letras (não protestadas) transbordando elevados dotes de oratória e com um getinho especial para contar anedotas.

Foi com grande máguca que vi desaparecer da Televisão estes intelectuais de descomunal bestunio, irmãos gémeos segundo pareciam. Admiro-me como Homem de Melo se não lembrou deles para uma dança de folclore, ou para tocarem ferrinhos à moda do Minho.

Gostaria que fosse feita uma campanha no sentido de readmitirem estes talentos, para que nos repetissem as anedotas, porque agora sim, seria rir às gargalhadas

Um leitor

N.R. — Sobre o que nos pede, fomos informados não ser possível a inclusão destes prigramas na Televisão, por se encontrarem completos os quadros no que respeita a números cómicos.

Senhor Director

Os representantes do partido dos homossexuais, lamentam não terem sido ainda facilitadas as suas homossexualidades, pois continuam a não poder homossexualizar livremente como qualquer homossexual, conforme se homossexualiza em qualquer país livre, onde o homossexo se pratica.

Todos os homossexuais reclamam homossexualmente a homossexualização imediata da homossexualidade.

Presentemente existem no país um total de 1.374 homossexuais inscritos, sem contar com os homossexofascistas que andam fugidos.

Vão ser reivindicados todos os direitos dos homossexuais, tais como: tabelas homossexuagenadas. Não admissão dos homossexuagenários por incapazes de homossexuagenar. Mais tempo livre para aumento das homossexualizações. Revogar o decreto 43.757 que proíbe o livre exercício da homossexualidade. Condenar todos os homossexopídes, por tentativa de aniquilamento dos órgãos que fazem parte integrante das homossexualidades.

Queremos assim poder contribuir para um Portugal ainda mais homossexualizado.

Toninho dos Anjos

N.R. — Homossexualmente falando, presumimos que devem ter razão e direito a passar umas boas férias homossexuais em Caxias.

Depois de Kissinger se ter esfaldado a alisar o campo, Nixon foi jogar ao Próximo Oriente. E fez uma bela temporada. Disputava-se o troféu "Sejam Amigos" e correu tudo muito bem, tanto nos jogos feitos nos campos árabes, como nos dos campos judaicos. Nixon voltou todo satisfeito para casa a dizer com os seus botões que desta vez é que ele tinha conseguido deixar todos amigos uns dos outros.

Claro que ainda o avião dele ia a tomar altura para regressar, e já descobravam do campo de aviação dos judeus duas esquadrilhas de caças israelitas que foram bombardear umas aldeias no sul do Líbano. Só para deixar cair uns pontos nuns certos ii.



Afinal mestre Mitterrand estava calado mas não era senão para ganhar fôlego. Agora já deu uma entrevista muito curiosa. Começou por dizer que havia três pontos principais que era preciso tratar já: assegurar o desenvolvimento do Partido Socialista, para que ele ficasse pelo menos com 25 por cento do eleitorado; aprofundar a posição de todas as esquerdas, onde reside a estratégia fundamental dos socialistas; e continuar a luta, na qual a campanha eleitoral foi apenas uma simples etapa, para a levar até à vitória final.

Quem fala assim não é gago.

Este Amin... vocês lembram-se dele? Aquele pandego cada semana tem uma nova para dizer. Desta vez saiu-se com uma boa. Diz ele que é preciso limpar a África toda até lá baixo ao Cabo. O homem deve ter sociedade nalguma firma de aspiradores...

O EX-MINISTÉRIO



MINISTRO DA INFLAÇÃO



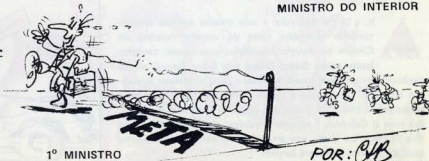
MINISTRO DA MARINHA



MINISTRO DA ECONOMIA



MINISTRO DO INTERIOR



POR: CUB

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS



Assim é que é! Em Madrid foi há dias julgado um senhor chamado Girillo Lagarto por ter vendido apartamentos em prédios que não existiam. Claro que não existindo os prédios, também não existiam os apartamentos, mas como existiam os compradores, e existia o dinheirinho, o amigo Lagarto não achou que valesse a pena estar a preocupar-se com ninharias como essas de arranjar os apartamentos.

O pior foi que o Promotor de Justiça não achou graça nenhuma à burlazita do Lagarto e pediu para ele uma pena que se pode considerar ligeiramente exagerada: nada menos que trinta a cinco céculos de prisão!

Está-se mesmo a ver que o promotor também foi dos que entraram com o dinheirinho e agora só se satisfaz com um castigo que ponha o Lagarto à sombra — eles que gostam tanto de andar ao sol — durante 35 séculos. Embalsamado, com certeza...

Esta tem um sabor macabro, mas vale a pena mencionar: na América, quarenta suicídios no campo da medicina, incluindo três Prémios Nobel, fizeram uma declaração manifestando-se a favor da Eutanásia. Não senhor, não é nenhuma princesa russa. É a decisão de facilitar a morte aos doentes incuráveis e cujo o prolongamento dos últimos dias ou das últimas horas de vida só lhes aumenta o sofrimento. Dizem que tais doentes têm o direito de solicitar dos seus médicos ou a eutanásia passiva — acabar com o tratamento de amparo e prolongamento da doença — ou a eutanásia activa — uma injeção de droga fatal.

Mas quem é que garante que a doença não tem mesmo cura? Tem-se visto tanta coisa...

Agente só ri da desgraça. Mas a verdade é que a desgraça do senhor Elísio Pereira que há imenso tempo que é bombeiro voluntário em Oliveira de Azeméis, e tem-se farto de correr para apagar fogos nas casas dos outros, que se calhar no fim nem obrigado lhe dizem; e agora que veio passar uns dias a Lisboa, teve um incêndio na sua própria casa. Claro que ele não estava lá, senão com certeza que havia de aparecer alguém a pensar que o senhor Elísio tinha levado trabalho para casa, para fazer serão...

Á está outra com sabor a macabro: eu hoje estou assim... No Brasil uma das mais importantes e antigas casas funerárias estabelecidas no Recife decidiu que essa coisa dos caixões dos mortos serem confrangedoramente pretos, tinha que acabar. E assim começou a pôr ao dispor do público caixões coloridos que são muito mais bonitos.

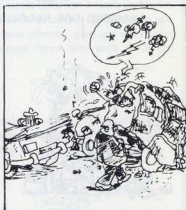
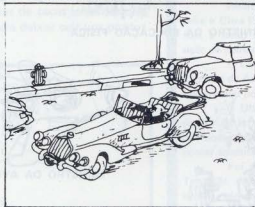
Quem quiser pode portanto já escolher o seu caixão (ou o dos seus familiares) em verde, azul, amarelo, ou ainda em combinações de diversas cores.

Concerteza que vai ter sucesso. Eu por mim vou escolher um encarnado, que é à Benfica, e também cá a cor do meu partido. E quem não gostar que lixe, e não vá ao meu enterro que também não faz lá falta nenhuma.

h, e já me esquecia: e essa mesma agência decidiu também que essa coisa da marcha fúnebre de Chopin ou doutro macambuzio qualquer, também levam rolos. Quem quiser tem o seu funeral acompanhado por um belo conjunto pop, a tocar as últimas novidades dos Top Ten, o que é muito mais divertido. Cá por mim também vou nisso. Só o que não quero lá é o Paulo de Carvalho nem o Calvário. E quanto a musicas pode ser a Grandola Vila Morena, ou então um arranjo do género "Agora morto estendido nunca mais será carpido..."

Vou-me divertir à brava!

O MUNDO É DOS ESPERTOS



AS NOSSAS ENTREVISTAS SENSACIONAIS



CONFUSÕES

Pronto. Cá estou eu outra vez a contás com o mesmo problema: arranjar uma entrevista para o jornal. Mas que mania esta do meu chefe de redacção querer meter entrevistas naquela folha de couvel! Eu cá por mim acho que uma entrevista é uma coisa indecente de se por num jornal.

Primeiro porque sempre houi dizer que quando a gente tinha uma entrevista era com uma miuda e se alguém me dissesse que ia pôr no jornal uma coisa dessas havia uma fita.

Depois porque mesmo sem ser com uma miuda eu acho é um atentado contra a liberdade de pensamento de cada um.

Mas o que é que querem vooçs? O gajo tem a mania, e eu é que tenho que o aturar...

— Olha lá ó miudo! Vê lá por onde vais! Andas assim a esbarrar com as pessoas...
— Você é que tem que abrir os olhos, ouviu? Anda-me p'ra qui na rua a fazer versos à lua, e sem ver quem passa... Você pensa que é o Ary dos Santos?

— Não sejas atrevido, menino. Olha que estás a falar com um senhor crescido que podia ser teu pai!
— Meu pai? Chical! Olha lá, você está a querer ofender a minha mãe? Leva já com uma pedrada nos palitos que nem sabe de que terra é!

— Não rapaz, não penses que stava a pensar mal da tua mãezinha. Eu nem sequer a conheço... Estava era a dizer que pela minha idade...

— É pá, isso nem é preciso dizeres. Pela tua idade até podias ser meu avô! Mas isso só me convinha se tu tivesses croas. A propósito: não dá umas croas p'ro Santo

António?

— O Santo António já passou, menino.

— Então p'ro S. João ou p'ro S. Pedro, ou outro qualquer, que eu não me ralo. Assim com'assim o que vier é p'ra mim...

— Tenho muita pena, menino. Mas sabes, estou nas lonas!

— Mas você vai af todo pinoca, engravatado e tudo!

— Pois vou, porque isso é do meu ofício. Tenho que andar assim...

— O quê? Você é cangalheiro?

— Não menino. Sou jornalista.

— Ena! Então você é daqueles que escreve nos jornais? E tira o retrato à malta p'ra vir na televisão?

— Ouve menino: essa tua afirmação só prova que Portugal está de facto um bocado mal informado acerca de vir na televisão... Não é conhecido: é evidentemente com os reporteres da Rádio e Televisão...

— Eu loگو vi que você não tinha cara de ser lá grande coisa. Mas o que é que você escreve?

— Artigos. Crônicas. Entrevistas. Coisas assim...

— É pá isso deve ser uma estopada...

— E dizes bem, menino. Bastante me custa às vezes...

— Não, eu digo que deve ser uma estopada é para quem tiver que ler! Mais a mais sem bonecos...

— Tens razão, menino. A minha irmã também costuma dizer o mesmo, por isso eu dou valor...

— A tua irmã também é jornalista?

— Não senhor. Mas também tem entrevistas. É quase o mesmo. Porque também dizem lá rua que ela tem uma grande crônica...

— Menino, tenho a impressão que estás a fazer uma tremenda confusão. Parece-me que não há nada de comum entre a minha profissão e a... actividade da tua irmã.

— Não há? Isso é que você pensa! Pergunte-lhe a ela, e vai ver!

— Não tenho tempo. E agora preciso é de arranjar uma entrevista para o jornal.

— Uma entrevista? Mas você podia ter a entrevista com a minha irmã. Mas lá o

jornal é que ela com certeza que não quer ir. É muito esquisita, sabe?

— Quero lá saber disso, menino! Eu tenho é que fazer isto...

— Ah, você tá á rasca? Deixe lá que eu falo com ela, e...

— Não é isso, menino...

— Ah, é verdade, você disse que estava teso. Então assim é que não pode ser nada. A minha irmã...

— Olha menino, deixa-me

em paz, ouviu? Já perdi muito tempo. Vai à tua vida, que eu vou ver se entrevisto um chauffeur de taxi.

— Ah você é desses? Bem me parecia! E estive eu aqui a perder o meu tempo contigo. Então um chófer, hein? Olha lá: e porque é que não queres antes um marinheiro? Bichal Laril! Maricas!

O miudo afastou-se a correr. E eu, já não tive coragem para ir entrevistar o chauffeur. Nem o marinheiro.



OS GRANDES DOSSIERS SECRETOS

DEPOIS DE INUMERAS E AVENTUROSAS AVENTURAS CONSEGUIMOS ASSEGURAR PARA "OS RIDICULOS" O PRIMEIRO: UMA DAS PROVAS DE PASSAGEM, NA EXTINTA ESCOLA DA PIDE-D.G.S. PARA O "HONROSO" CARGO DE CHEFE DE BRIGADA: EXCLUSIVO DE ALGUNS DOS MAIS PALPITANTES DOSSIERS SECRETOS EXISTENTES EM PORTUGAL... EIS O CHEFE DE BRIGADA:

Escola Técnico da D e S

Prova de passagem a ~~chefe~~ chefe da brigada

Nome: António Balhau dos Benedos Rocha
Número: 1482

Detado

13 ERRO 4 falta Bm

Os camaradas entraram a força pela casa adentro, revistam-na de alto a baixo mas nada acharam de especial. Contudo, ~~agora~~ ~~aguardaram~~ aguardaram o suspeito bem como a família, ~~levaram~~ ~~para~~ ~~baixas~~ onde ~~foi~~ ficou no isolamento durante 5 anos sendo (torturado) muitas ~~vezes~~ ~~meses~~ ~~durante~~ o tempo que lá esteve.

Resalvo a palavra torturado

Caligrafia

1 val Eu dou porrada no manifestante. Eu gosto de manter a paz.

Redação

Fale sobre a sua profissão

Eu tenho uma profissão. A minha profissão é defender as pessoas boas que sabem muitas coisas e que até têm mercedes e prédios e fábricas e que dão trabalho aos pobres para que ganhem dinheiro para pagar os impostos, a renda de casa e as batatas para comer. Há (tipos) maus, como por exemplo os trabalhadores e estudantes que dizem que o dinheiro não dá sequer para as batatas, mas se eles vivem em casas menos luxuosas que até têm água canalizada com torneiras e tudo, já dava o dinheiro para comprar as batatas. As pessoas gostam, dinheiro a balda, como por exemplo para comprar ~~peixe~~ peixe, fruta e alguns até para comer carne!

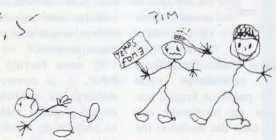
Eu gosto muito de bater nos gajos que pintam letras nas paredes, porque isso é feio e os truinças não gostam.

Eu gosto muito da minha profissão

Resalvo tipo para gajos

Desenho

2,5



M. Bom

Prova de Aritmética

1. Uma pistola tem 6 balas sabendo que foram assassinadas 5 pessoas com um tiro cada uma, quantas balas ficaram na pistola?

Indicação
} 5 - 6 = 19

Efectuação
5
- 6

19

Completar a frase com a palavra adequada

R. Ficaram 19 balas.

2. Três agentes prenderam, cada um, 12 pessoas que estavam a falar do ideal desportivo do futebol profissional em Portugal. Quantas pessoas prenderam ao todo?

Indicação
2 val 3 x 12 = 9

Efectuação
3
x 12 3/0

6
+ 3

9

R. Foram prenderam ao todo 9 gajos

Classificação

16 val Muito Bom
Aprovado com distinção



AS REAIS MEMORIAIS

EL-REI

— Sabei, senhora, que importantes resoluções hei tomado.

D. BRIOLANJA

— Não me digaiades! Que vos passou pelo real Bestunto?

EL-REI

— Hei resolvido fazer face à actual penúria da nossa casa real.

D. BRIOLANJA

— Sim? Pois boa ideia vos atravessou o capacete. Porque ainda ontem quiz comprar uns molhos de brocolus para fazer o jantar e carecida de maravilhas pedi ao bufarinheiro se mos fiava...

EL-REI

— E que respondeu o vilão?

D. BRIOLANJA

— Senhor que ainda sinto nas faces o rubor pelo arremedo da resposta que me deu. A mim, que fui a primeira dama do meu reino!

EL-REI

— Mas que foi que ele disse?

D. BRIOLANJA

— Gravemente me ofendeu, senhor! Mandou-me fazer sabão, como se sabão fosse coisa comestível; e seguidamente sugeri que me lançasse no comércio de chuchas, preferivelmente próximo duma maternidade (Essa sugestão até talvez mereça o devido estudo) mas acrescentou que fiar em nós era um vigário em que tinham caído milhões, mas que já não pegava e já mais ninguém caía!

EL-REI

— Vilão indecente e atrevido! Hei-de retalhá-lo com a minha espada maior! Hei-de mandá-lo a uma consulta das Caixas! Hei-de partir-lhe os...

D. BRIOLANJA

— Deixalde-vos de fitas, senhor! Não fareis nada disso, porque isso eram coisas do tempo em que você comeu. Hoje importa mais assegurar a nossa subsistencia...

EL-REI

— Pois isso mesmo tenho pensado. E como vos estava relatando, portentosas resoluções hei tomado.

D. BRIOLANJA

— Cuspide então as vossas locubrções!

EL-REI

— Ora como sabeides, no nosso reino...

D. BRIOLANJA

— No nosso ex-reino, quereides dizer...

EL-REI

— Ou isso. No nosso ex-reino, os infieis que tomaram o poder extinguiram já o meu tribunal da santo ofício.

D. BRIOLANJA

— Pois com isso bem lixados iremos ficar: se eles comecem a contar muitas coisas a respeito da nossa corte... muito complicado irá ser daqui a uns tempos o estudo da História do nosso reino...

cont. na pag. 11



o Novo Partido Italiano: P.P.P.



ois é. Na Itália erh que as coisas se encastram a falar claro e a projectar direito. Os italianos — e as italianas — não têm papas na língua: acabam de proclamar que em cada dez mulheres italianas, uma, pelo menos em "part-time", prosti-tue-se. E como se o trabalho em part-time não deixa de ser trabalho, e em Itália existem 25 milhões de mulheres, consideram eles que o cálculo dá 2 milhões e meio de prostitutas em Itália.

Constitui-se portanto mais um partido político italiano, a juntar a tantos outros. Mas este caramba! Este é um partido de força. É o P.P.P. Partido para a Protecção das Prostitutas.

Já tem a sua direcção, como qualquer partido política que se preza, e dela fazem parte dois homens e duas mulheres.

E se os meus amigos se começam a admirar porque é que na direcção de um partido de prostitutas entram dois homens, então são mais parvos do que é permitido. Claro que se houvesse na direcção do partido das prostitutas só mulheres, não havia de faltar quem começasse a ofender, a chamar-lhes nomes, e a colocá-las despresadoramente na categoria de larilas da outra banda.

Assim não: para provar os seus pontos de vista — (de vista de outras coisas...) elas vão provar em todas as reuniões os seus princípios. E meus amigos, os seus princípios, principiam sempre pela mesma coisa, e essa mesma coisa mete ho-

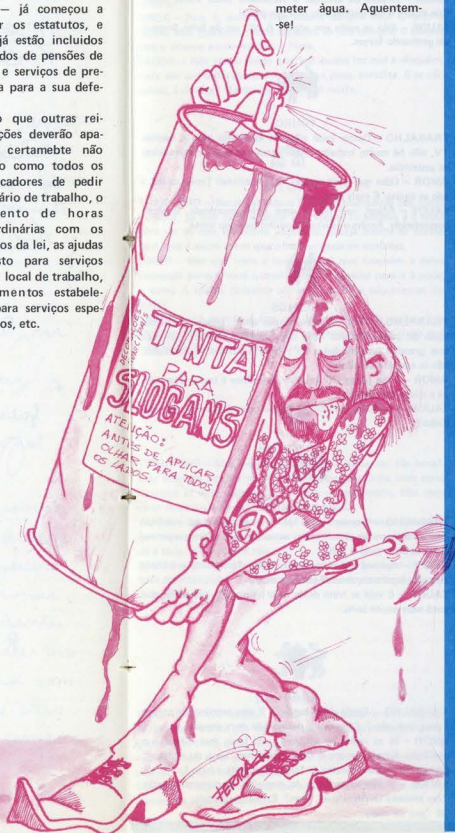
mem. Daí entrarem aqueles dois senhores para acasalar com aquelas senhoras, o que está perfeitamente certo.

O novo Partido — o P.P.P. — já começou a elaborar os estatutos, e destes já estão incluídos os pedidos de pensões de velhice e serviços de previdência para a sua defesa.

Claro que outras reivindicações deverão aparecer: certambente não deixarão como todos os reivindicadores de pedir um horário de trabalho, o pagamento de horas extraordinárias com os aumentos da lei, as ajudas de custo para serviços fora do local de trabalho, os aumentos estabelecidos para serviços especializados, etc.

Não tenham ilusões, amigos italianos: a senhora Adriana Bonifantini, escultural profissional horizontal de 30 anos,

chefe do novo partido, desfraldou a fralda — perdão — desfraldou a bandeira de guerra e diz que agora o movimento só para no Semouco para meter água. Aguentem-se!



(P.A.A.) PARTIDO AMIGOS DO ALHEIO

Caderno reivindicativo

Reunidos numa das salas das prisões do Limoeiro, o (P.A.A.) Partido Amigos do Alheio, promoveu na passada quinta-feira, a nível nacional, o seu anunciado PLENARIO.

Depois de saudar todos os correligionários, o presidente da mesa, ladeado pelas figuras mais proeminentes na arte de subtrair, tornou público o seguinte comunicado:

- 1) — Considerando que os assaltos perpetrados a estabelecimentos comerciais, bancos, ourivesarias, roubo de automóveis, carteiras, vigarices, burlas e outras especialidades concernentes à sua arte
- 2) — Considerando que tais operações têm caracter político, com a vinculada finalidade de enfraquecer a bolsa fascista
- 3) — Considerando que a classe tão devotadamente abraçada, foi das mais perseguidas pelo regimen deposto
- 4) — Considerando que esta profissão exige excelsa vocação, expediente, persuasão, imaginação, agilidade, habilidade e corrida
- 5) — Considerando que o exercício do nosso trabalho é tantas vezes efectuado em condições desumanas, tais como: aglomerados, desordens, apertos, confusões, etc.
- 6) — Considerando que para concluir com êxito um simples assalto a um banco, são necessárias horas extraordinárias para preparar, pensar e ensaiar.
- 7) — Finalmente considerando que a classe não tem merecido das entidades superiores um mínimo de consideração e respeito, — não tem Sindicato nem Caixa — o que contraria todas as regras de HUMANIDADE, decidimos:
 - a) — Solicitar do governo, ordenado mínimo nunca inferior ao de um polícia.
 - b) — Exigir Caixa, Sindicato, Abono de Família e Subsídio de Férias.
 - c) — Liberdade de pensamento e de ACÇÃO.
 - d) — A não intervenção das entidades policiais nos nossos actos.
 - e) — Imediata colaboração do publico, evitando persiguições, participações e denuncias, reveladoras de ódio e vingança, que a nada conduzem.
 - f) — Reforma aos 45 anos.
 - g) — Protecção das entidades policiais nas nossas operações de LIMPEZA.
 - h) — Proibição imediata de construções em que sejam utilizados portões de ferro, grades metálicas e cofres fortes cuja utilidade só serve para roubar tempo.
 - i) — Recolher obrigatório às 22 horas, para que o trabalho seja executado o mais cedo possível, com beneficio para todos.
 - j) — Se as nossas reivindicações não forem satisfeitas até ao fim do corrente mês, responsabilizaremos o governo, pelos incalculáveis prejuizos que advirão ao país pela nossa entrada em GREVE

PAMIR

OS GRANDES PONTOS * * * * * INTERNACIONAIS

cont. da pag. 2

O escândalo Watergate que só tinha até aqui mencionado Kissinger de passagem, atingiu-o agora em cheio. Um membro da Comissão Judicial da Câmara dos Representantes afirmou categoricamente que Kissinger é culpado e que a comissão tem provas disso. Por outro lado, um dos principais inculpados no escândalo, o senhor John Ehrlichman já disse que queria que Kissinger fosse ouvido como sua testemunha de defesa, no processo em que está incriminado.

Lá vai mais um para a grelha. . .

Os ingleses não regulam lá muito bem da pinha, já se sabe. Agora prolifera lá em grande, a mania do nacionalismo à velha maneira do Hitler. No sábado passado houve em Londres um grande comício desses "Camisas Negras" que se intitulam "A Frente Nacional". Claro que houve molho e do bom. A polícia ainda tentou a boa e tradicional maneira de deixar cada um dizer o que lhe apetece, proteger os manifestantes, mas o Zé povinho inglês, que ainda se lembra muito bem do que passou na última guerra por causa dessas gracinhas fascistas, entrou a malhar, e foi um vé se te avias.

A conferência de Otan reuniu-se uma vez mais. Desta vez foi em Otawa. E como a França continua a não estar disposta a servir de mandarete da América, e a América não desiste de dizer que os europeus terão sempre que lhe ir pedir a bênção cada vez que quiserem ir fazer chi-chi, pode bem dizer-se que a conferência de Otan em Otawa. . . "Ótava na peneira. . . Ótava peneirando. . ."

TAMBÉM QUERO SER SANEADO!



LADRÃO
VIGARISTA
FALSIFICADOR
PARRICIDA

Stevenson

astro-lábia

por: *Korpus*



CARNEIRO

TRABALHO — Nada. Você já se esqueceu que o seu pessoal está em greve? Vá mas a casa, e arranje aquela fechadura que está encravada há quase um ano.

AMOR — Depois de arranjar a fechadura pode tratar disso. Que diabo, a sua mulher não está em greve!

SAUDE — Não se meta nos côpos. A não ser de leite. Sempre vai ganhando forças.



TOURO

TRABALHO — Como você não foi escolhido para a corrida TV, não há muito trabalho. Agora tem que esperar pelas feiras da provincia.

AMOR — Olhe que anda para aí cada vitelinho! Tenha calma, e não se excite. É mais prodente.

SAUDE — Afinal isso não é uma unha encravada. É chulé comprimido. Ponha o chispe de molho que isso passa.



GEMEOS

TRABALHO — Com os astros como estão, ligados à constelação do papel químico (que deu origem a esse sarilho) você tem grandes possibilidades de repetir a asneira. Cuidadinho, não se esqueça da pilula.

AMOR — Vídê paragrafo anterior. O melhor é tomar duas, não vá o diabo ser marreco.

SAUDE — Ponha-se direita! O que é bom é para se ver, que diabo!



CARANGUEJO

TRABALHO — Pronto. Você já tem o ordenado mínimo. Agora não comece já a ir todas as noites para a borgia a pensar que isso dura todo o mês. . .

AMOR — Aproveite a noite de S. Pedro. Nos bailes populares elas não reparam que você anda de lado.

SAUDE — E veja se trata desse mau hábito. Ela não sabia, mas você sabe muito bem.



LEÃO

TRABALHO — Então essas açópes? E esse terminal de carga? E esse treinador? Olhe que o defeso não dura sempre.

AMOR — Se se refere ao clubista, está bem, mas olhe que o sindicato agora começa a fazer perguntas. Se é do outro. . . pois agora tem um meizito de folga. Aproveite-o bem!

SAUDE — E não se esqueça do conselho da semana passada. Tem tomado fortificantes? Tem? Então tome mais.



VIRGEM

TRABALHO — O quê? Você empregou-se? Numa Agência de Viagens? Como acompanhante? Bom eu parece-me que a sua constelação está a ficar muito tremida. . . veja lá em que é que se mete!

AMOR — Pois é, pois é. Eles dizem sempre isso. O pior é depois. Mas que diabo, você também, se não comprar o bilhete para o cinema nunca mais vê o filme. . .

SAUDE — Não tenha medo que isso nunca faz mal a ninguém. Pode dar um certo abalo. . . Mas vale a pena, acredite. E se não quiser, é consigo. Gente panza já cá há muita.



BALANÇA

TRABALHO — Neste período o trabalho transbordará por todos os lados, já que toda a gente quer pesar as batatas e a fruta para ver se não foi muito enganada. Esteja atento ao bilhete, que é assim como que uma barrigada de trabalho.

AMOR — Mas que ideia a sua! Não vê que ninguém a deixa sossegada porque você quando vestiu o biquini para ir à praia, e como é muito distraída só vestiu o bi e esqueceu-se do quini?

SAUDE — Lá quanto a isso não há novidade de maior. Essa pequena queda de cabelo é um pequeno acesso de tinha que você tinha. Mas já não tem. Af tem.



ESCORPIÃO

TRABALHO — Mas porque é que você há-de ser tão berra? Essa coisa de morder no pescoço das pessoas tinha uma certa desculpa se você estivesse num filme de meia-noite. Mas num carro eléctrico é francamente de mau gosto. . .

AMOR — Bom, eu sei que você tem esses repentins. Mas olhe que isso trata-se. De duas uma: ou toma um calmante ou casa-se a sério. Assim é que não.

SAUDE — E olhe lá: você não acha que isso pode ser sinal de falta de vitaminas? E se tomasse um bocadinho de óleo de fígado de bacalhau?



SAGITARIO

TRABALHO — A rodos. A sua constelação está cheia de pirilampos e indica que tão depressa não surge nenhuma greve que o salve. Trate de se deitar cedo.

AMOR — Mas olhe que deitar cedo, não é para isso, ouviu? É para dormir, que bem precisa!

SAUDE — Fora a tiszacinha isso não vai mal. Continue com os clisteres de água de malvas.

AS REAIS MEMORIAIS

cont. da central

EL-REI

— Também não exagerides! Sabeides muito bem que notáveis vultos ali se distinguiram durante o meu reinado. . .

D. BRIOLANJA

— Pois. Distinguiram-se tanto que deram nas vistas! E o mal foi esse! Não vos lembrais do nobre caciQue D. Tenrinho das Pescadinhas, e das suas aventuras financeiro-trágico-maritimas?

EL-REI

— Bom, mas esse já foi dentro. E agora enquanto eles o vão amanhando, talvez se esqueçam de outros. . .

D. BRIOLANJA

— Só se forem parvos. E por minha fé que não me cheira ali a parvoice. Mas dizede.

EL-REI

— Pois vos estais certamente alembrada da minha natural inclinação para as belas letras. . .

D. BRIOLANJA

— A noventa dias?

EL-REI

— Não, infeliz mentecapta! Dessas letras nem é bom falar! Quero referir-me às letras da literatural! Vós bem haveis visto os meus profundos e sábios discursos. . .

D. BRIOLANJA

— Credo, senhor! Não me digades que tendes em mente tão aleivosas forma de vingança para a torturar os vossos inimigos!

EL-REI

— Verdade é que os altos valores do espírito sempre se vos escaparam pelas costuras! Pois sabeide que muitos escribas de diversos pasquins me têm assediado para que lhes dite as minhas memórias. . .

D. BRIOLANJA

— As vossas memórias? Vós que ainda esta matina não vos alembrais onde tinheis deixado a vossa cota?

EL-REI

— Oh atrofiado cerebelo de anaformica criatural! Aquilo que eu procurava não era a minha cota de malha: era a cota deste ano do meu sindicato, o sindicato dos reis desempregados! E até por isso, também tenho que ver onde estão as cotas de algumas companhias de que eu era sócio.

D. BRIOLANJA

— Isso. . . agora podeis dizer-lhes adeus. Já por certo vos não darão dividendos. . .

EL-REI

— Mas as memórias a que eu me referia, são histórias de coisas passadas durante o meu reinado, e em que eu estive directamente envolvido. . .

D. BRIOLANJA

— Tende cuidado, senhor meu esposo: aqui também apesar de não haver tribunal do santo officio, são prohibidos certos escritos. . .

EL-REI

— Que dizedeis? Acaso alguém me poderá impedir de escrever o que sei? Sabeide que se o fizer farei tremer o mundo. . .

D. BRIOLANJA

— Deixade-vos de peneiras. Hoje já ninguém treme por vossa causa. . .

EL-REI

— Senhora, que baixos pensamentos alberga o vosso tuitioço a meu respeito! Pois ficai sabendo que o meu livro irá fazer um successo enorme e dará muitos dobrões de direitos de autor!

D. BRIOLANJA

— Perdoai se vos não creio. Os grandes successos literários dependem sempre do seu enredo ser obra inédita e completamente desconhecida.

EL-REI

— E então? Acaso alguém já terá alguma vez escrito coisa semelhante às minhas memórias?

D. BRIOLANJA

— Já, e há muito tempo, senhor meu asino espino. Acaso vos esqueceis que se tornou um classico da literatura "A Arte de Furtar" do Padre António Vieira?

cont. na pag. 14



AS GREVES



Ora a incultura foi sempre uma das razões do atraso social em que o nosso país se debateu durante tanto tempo. Mas não há bem que sempre dure nem mal que se não acabe: e assim, pelo menos em certos capitulos, o nosso país começou já a lutar para vencer essa vaga de incultura e tornar-se numa grande potencia ao lado dos mais avançados do mundo.

O que é que mais nos faltava? Coisas. Coisas que se existem nos países mais avançados só podem significar avanços culturais. Por exemplo, as greves.

E hoje nós podemos já orgulhar-nos de sermos pelo menos em principio, um país actual másculo, moderno e dinamico, que usa greves.

Eu sei — e todos nós sabemos — que já havia no passado uns certos precusores, como em toda a parte: já havia maridos que de vez em quando faziam greve em casa, mas isso a maior parte das vezes era uma forma ficticia de greve, porque se se procurasse bem, verificar-se-ia que eles andavam a trabalhar noutras obras. O que era uma coisa muito chata, principalmente quando dava muito nas vistas.

Claro que havia espensas que descobriam a coisa, e nessa altura não iam em cantigas: e sem mais aquelas obrigavam o marido a furar. A furar a greve, claro.

Naturalmente que isso muitas vezes levava a situações de certo modo embaraçosas, porque nem todos os grevistas tinham a verticalidade necessária para manter as suas reivindicações e acabam por

ter que as negar, o que era ainda mais chato.

Mas de qualquer forma isso era já um principio muito discutiavel, porque embora a decisão dessas esposas revoltadas com as greves ficticias dos maridos nos mereçam muito respeito, a verdade é que elas investiam nessa luta o que tinham e o que não tinham, e muitas vezes acabavam por ver as suas causas definitivamente perdidas e ainda por cima mal pagas.

Mas as greves não assumiam só esses aspectos. Muitas outras forças sociais empregaram de tempos a tempos o recurso às greves. Assim muitos professores fizeram indecentemente greves de dar notas positivas só porque os seus alunos eram pilantras, os aparelhos telefonicos faziam greve de ligar para os numeros despedidos e só apitavam impedido, os bancos dos electricos faziam greve de dar lugares sentados aos passageiros quando havia mais que três por cada banco, e muitas vezes os contadores da água faziam a greve da torneira para fora, porque lá para o contador continuavam a marcar pontos.

Claro que tudo isso são processos do crescimento dum povo unido que nunca mais será comido — esperemos.

Mas tudo parece apontar para o facto de que somos já uma grande e moderna potencia: já tivemos a greve do papo-seco, a dos transportes e dos fabricantes de paninhos — o que poderia ter sido uma greve sangrenta se demorasse mais tempo — e finalmente a dos papagaios louros de bico dourado que se recusaram a levar esta carta ao meu namorado.

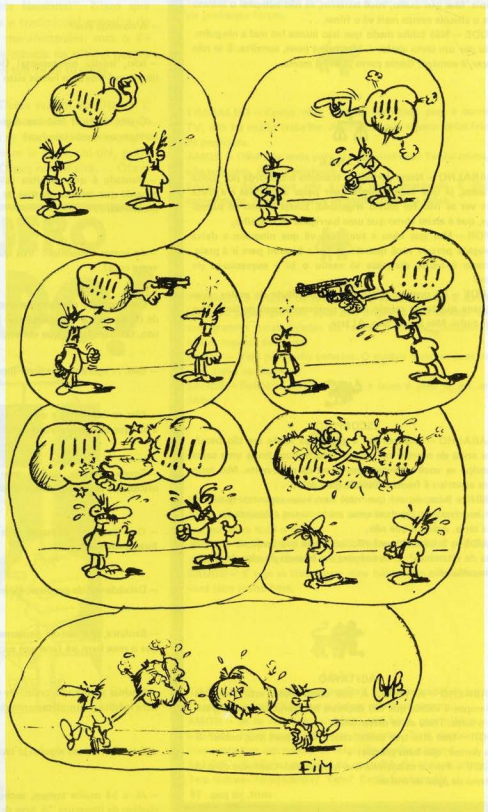
Estou confiadamente confiado que mais se seguirão, porque isto ou se faz daqui um grande país ou então a gente tem que desistir.

Por isso eu acho que essas demonstrações de superior civilização que são as greves, irão continuar e para já eu permito-

-me sugerir algumas de largo alcance social:

A greve das visitas das sogras a casa dos genros. A greve dos cobradores de letras em atraso. A greve dos funcionários dos impostos e officios correlativos. A greve dos senhorios. Mas tudo tem os seus limites! A econo-

mia do país não pode ficar à mercê de greves selvagens, que prejudiquem o bom desenvolvimento da economia de cada um. Portanto o surto de greves nunca deverá atingir os caixas que nos pagam o ordenado e nos vales. Tenho dito.



PAPAGAIO LOURO...

PAPAGAIO LOURO
DE BICO DOURADO
LEVA-ME ESTA CARTA
AO MEU NAMORADO. . .

JÁ QUE NOS CORREIOS
MAIS NINGUÉM SE ATREVE
A MEXER EM CARTAS
POR ESTAREM EM GREVE. . .

QUEREM SEIS PACOTES,
NÃO QUEREM TRABALHO. . .
E NINGUÉM OS MANDA
ESFREGAR O SOALHO!

ANDO FURIOSO
ESTOU PIOR QUE UM TOIRO!
VÉ TU SE ME AJUDAS
PAPAGAIO LOIRO!

QUEREM FARDAS NOVAS
DE BOTÕES AO LADO:
E BONÉ DE PALA
DE BICO DOURADO!

PAPAGAIOZINHO
MINHA ALMA ESTÁ FARTA!
FAZ LÁ UM JEITINHO:
LEVA-ME ESTA CARTA. . .

NÃO SEJAS GREVISTA
PÔE-TE DO MEU LADO
QUE EU DEIXO-TE VER
O QUE EU VOU FAZER
AO MEU NAMORADO. . .



HUMOR NE GRÓ

URBANIZAÇÃO

Ora eu sou um empresário de ideias práticas e avançadas. E no meio de tanta gente incompetente para resolver os mais simples problemas, decidi vir trazer a minha valiosa contribuição para a solução dum dos mais importantes problemas que nos afligem: a crise da habitação.

E é muito simples: verifica-se que aquilo que se torna cada vez mais escasso tanto em Lisboa como nas grandes cidades é o terreno para se construir casas: toda a gente sabe que ele está pela hora da morte. E foi precisamente essa expressão que me deu a ideia: porque motivo é que a gente anda aqui à rasquinha para arranjar terreno para construir casas, e os mor-

tos estão em todas as terras a ocupar indevidamente e sem qualquer espécie de utilidade tanto terreno que era tão bom para fazer umas urbanizações?

Vejam lá por exemplo os cemitérios do Alto de S. João, de Benfica, do Lumiar, da Ajuda, para não falar já dos Prazeres?

Então aqueles inquilinos não deviam ter já recebido há muito tempo ordem de despejo? Vocês já viram os bairros que ali se faziam? É que até em todos eles a gente encontra uma porção deles que até têm casinhas com telhados e tudo. Quase que apetece perguntar ao coveiro quantas assoalhadas têm alguns dos jazigos gigantes dos nossos cemitérios. . .

Pois na minha ideia,

como da maior parte daqueles "inquilinos" só restam ossos que fazem pouco volume, não se compreende que continuem para ali estendidos a ocupar um espaço que é tão necessário, refestelados como estivessem em casa à espera de ouvir o noticiário das nove, quando podiam ficar arrumadinhos de forma a ocupar muito menos espaço.

E reparem que eu nem estou aqui a dizer que os deitem fora (cá por mim era o que fazia) mas ao menos arrumá-los melhor, para ocuparem menos espaço.

Vocês já pensaram no terreno que se ganhava se começassem a enterrar os caixões em pé em vez de os enterrarem deitados? Primeiro eles não se importavam, porque tenho a impressão de que para eles tanto faz estarem deitados como em pé; e depois onde agora só se mete um caixão, acabavam por se meter mais de meia duzia. E até para aproveitar mais espaço podia-se fazer uma cova grande e arrumavam-se os inquilinos aos seis e seis de cada vez.

Se se pensasse nesta solução, tenho a certeza que se acabava pelo menos com dois ou três cemitérios em Lisboa e outros tantos no Porto, e eu podia encarregar-me de fazer umas urbanizações em boas condições, visto que até já havia umas ruazitas feitas (embora estreitinhas, mas isso alargavam-se) e em que todo o espaço fosse tão bem aproveitado. Sem espaços mortos.



O MISTÉRIO DO FIACRE 115 por: Roib

A greve dos táxis estava em plena febre. Apenas, alguns velhos machibombos, com três ou quatro rodas desiguais, munidos dum motor a falhar, traquinavam pelas ruas de Paris, conduzidos por um chauffeur militarizado ou por qualquer "amarelo".

Aproveitando a perturbação causada pela paralisação dos autos, os cocheiros dos trens faziam-nos rolar muito docemente — como se andassem em cima de ouro.

Disputavam-nos quase em leilão. A falta de meios rápidos de comunicação voltava a dar importância aos fiacres e aos coupés. E tinham que pagar-lhes.

Venerandas viaturas saíam das exposições retrospectivas, enquanto os seus varais carunchosos vinham atrelar-se a cavalos de crinas brancas, escapados dos matadouros por excesso de ossos e mingua de carne. E voltou a ver-se, nessa manhã do primeiro de Janeiro de 1912 — um ano novinho em folha, podem crer — o cocheiro Schvingue, senhor dos destinos do fiacre 115, sair do depósito com a alegria na alma. E tinha razão para isso: dia de Ano Bom, chuva, e além disso, a abençoada greve. Que podia um cocheiro desejar mais?

Enquanto a Cortesã, a égua baia, que ele não podia, por causa da nobreza do seu trote, convencer-se que se chamasse vulgarmente como as outras, cocotte, caminhava alegremente, Schvingue, embalado pelo rolar, deixava-se ir inconsciente e feliz.

Apesar da hora matutina numerosos transeuntes deambulavam em fatos festivos. Cavalheiros, já de sobre casa, atravessavam, timoratos as ruas, em passadas ágeis. Outros encharcavam-se, ao cobrir com os seus guarda-chuvas as damas elegantes e saltitantes que conduziam pelo braço.

Mas Schvingue não lhes ligava importância; cabeça erguida, olhar ao longe, aspecto volutariamente distan-

te, percorria as ruas, ao passo, sem nada ver nem ouvir com um robusto desprezo pelos bipedes inferiores, cujas suplícas sobem às vezes até aos cocheiros nos dias em que o mau tempo faz deles seres inaccessíveis, dir-se-ia, inaltableis! É que ele estava perfeitamente tranquilo. Ele teria tantos fregueses quantos quisesse. Não eram os clientes que lhe faltariam com um dia daqueles. Ah, lá, lá, recusaria alguns; escolheria os que tinham aspecto de lhe dar boa gorjeta; e só duas pessoas de cada vez, para não fadigar a Cortesã; e só à corrida, porque com um dia daqueles não podia estar à espera às portas; e pessoas assadas para não sujarem os assentos; e muitas outras condições que um bom cocheiro sabe impor. . .

As ruas enchiam-se rapidamente. E Schvingue tinha cada vez mais o aspecto de andar longe; cada vez mais surdo e cada vez mais abstracto. Cegueira e surdez profissionais, hábitos do cocheiro que se embala no seu alto lugar.

E contudo. . . E contudo, bruscamente, Schvingue interrogou-se "se não estaria realmente surdo". Não ouvia ninguém chamá-lo. Nenhum pst, nenhum eh, tinha ainda ferido os seus timpanos e havia já uma boa meia hora que saíra da cocheira. . .

Schvingue olhava para os passantes.

Não via senão chapéus de chuva.

A multidão como uma boa dona de casa com muitos afazeres, seguia, seguia. Alguns faziam sinais a cocheiros mas não a Schvingue. Encarou-os peões; endomingados, alguns em magote nos refugios para a chuva, chamavam trens, ofereciam preços esplendidos por uma corrida; mas nenhum se dirigia a Schvingue.

Passou uma hora, passaram duas. Obstadamente, categoricamente, como se tivessem passado palavra, ninguém queria meter-se no fiacre 115. O cocheiro Schvingue começou a ter medo. Passava-se qualquer coisa de extraor-

dinário. Não era possível! Tinham deitado mau olhoado ao seu carro. Que azar! Por duas vezes, para em frente de desesperados à chuva e de miopões que procuravam fazer para camionetas de carga ou autos dos bombeiros.

Da primeira vez um sujeito gordo riu-se e disse-lhe: "Ah-se, seu brinçalhão!..."

Da segunda vez, uma família numerosa precipitou-se, com uma velhota à frente.

Mas a velha parou e disse-lhe:

— Estúpido. Ora o engraçadinho!

E a família virou-lhe as costas. Então Schvingue desistiu. Viu passar as horas. Era já meio dia. A Cortesã caminhava sempre e ninguém se lembrava de a fazer parar. Schvingue passou a apresentar o seu

ar mais tentador.

Sorria passantes, piscava-lhes o olho. . .

Uma vez, uma criada sorriu-lhe também e chamou outro cocheiro.

Era verdadeiramente infernal. Curvou a cabeça e, trémulo, envergonhado, desamparado, deixou-se levar pela Cortesã, para onde ela quisesse.

A égua ia andando ao acaso. Houve quem visse o fiacre 115 na Praça da Bastilha, na gare de Montparnase, no bosque de Bolonha. . .

E ninguém o chamava! No As 5 horas estava no Buttes Chammont, às 6 nos Inválidos, às 7 na Praça da Ópera. . .

As 8 Schvingue resolveu recolher. . .

Grossas lágrimas rolavam

pelas suas faces. Estava envergonhado e os cabelos tinham-se esbranquiçado. Bebera até às fezes o cálice dos honestos condutores de trens de aluguer.

Chegado à cocheira, enxugou os olhos, saltou do assento e foi abrir a porta para tirar as almofadas e sacudir o capacho.

Então, um homenzinho magro, com lunetas e barbiça ponteguda, apou-se do carro e disse-lhe:

— Caramba! Você levou tempo a chegar! Tem a certeza que não se enganou no caminho?

Schvingue atterrado, reconheceu um freguês que tinha tomado logo de manhãzinha, ao sair da cocheira, e de que se tinha completamente esquecido.



OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração Rua Conde de Redondo nº12-2º - LISBOA Tel. 53 85 85-53 79 94 8 86 68-56 31 58

Composto e impresso na LISGRÁFICA, S. A. R. L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas - Rua Saraiva de Carvalho - Lisboa



cont. da pag. 11

astro-lábia

por: *Morres Kopos*

CAPRICORNIO

TRABALHO — As cabrinas o seu cargo começa a dar-lhe trabalho. Claro, é a Primavera. . .

AMOR — Pois era precisamente a isso que a gente se referia, Então você já está em tal estado que nem dá por isso? Olhe o melhor é pedir a reforma. . .

SAUDE — Está bem. Para o que você faz, então nem tanta era precisa. . .

AQUARIO

TRABALHO — Bastante. Como as águas andam muito poluídas, toda a gente prefere ter em casa os seus próprios depósitos, o que causa um assobramento de serviço. Mas vale a pena.

AMOR — Bom parece que diminui um bocadinho nesta altura. Que diabo, não pode ser sempre. . .

SAUDE — Aproveite para ver se se recompõe. Você ultimamente tem andado em farras a mais. . .

PEIXES

TRABALHO — Agora, seu malandro, sem o Tenreiro é uma alegria! Aproveite, aproveite!

AMOR — Bom, isso é outra coisa. Olhe lá e aquele comício que vocês disseram que iam fazer cá em Lisboa? Ou aquilo foi só para os do Porto? Olhe que a gente também lá ia. . .

SAUDE — Não se gaste, não se gaste. Olhe que se estraga e fica cheio de rugas.

rebola bola



CARTÃO VERMELHO

Agora vai rebolar uma bola muito gira: é lá para as bandas de Coimbra, e parece que muita coisa vai rebolar ali.

Ora toda a gente sabe que finalmente os verdadeiros estudantes, com esta lupada de ar fresco que entrou nesta Primavera em Portugal, olharam à sua volta, olharam para o panorama interno da pandilha que se servia do respeitável nome da Briosa para ter uma loja de futebol profissional com mais facilidades de pagamento do que qualquer electrodoméstico, e decidiram limpar a casa de teias de aranha.

E acabar com toda aquela história e desinfectar completamente a velha academia dos arranjinhos em que vivia, passando a fazer nessa verdadeira Associação de estudantes, verdadeiro desporto.

Claro que os que estavam ali amais não quiseram perder tudo o que tinham vindo a arranjar nestes anos passados, a vá de se juntarem num outro clube.

Para manter ainda um bocadinho de confusão deram-lhe um nome parecido com o outro: chama-se "Academica de Coimbra Associação Desportiva". Parece que é a mesma, não parece?

Mas não é. Viraram o emblema ao contrário, com a torre da Universidade virada para o lado

de Santa Clara, e vestiram equipamento todo branco, para parecer o negativo do antigo.

Mas o mais giro de tudo, é que esse clube agora, muito sorrateiramente, e com muito cuidado, para não fazer ondas, parece querer ficar sentadinho, no lugar do meio da tabela da Primei-

ra Divisão do futebol Nacional, que tinha sido ganho pela Associação Académica de Coimbra no campeonato passado. E até já levou o descaramento ao ponto de convocar Alinho, como se seu jogador fosse...

Mas o que é então lá isso? Então funda-se um clube novo, que não tem

nada que ver com a velha academia, e senta-se assim logo na primeira divisão? Quem é que deu ordem? Então eles pensaram que tudo isto se está ainda a passar no tempo do consolado marcelista, onde bastava pisar um olho para S. Bento para se sancionarem todas essas coisas?

Amiguinhos, amiguinhos! Isso para já, e segundo as leis do futebol, é obstrução: além disso essa entrada é jogo perigoso; e como vocês estão dentro da grande area, isso dá penalty!

Vamos lá: bola para a marca, e antes que se faça tarde... cartão vermelho!

CARTA AOS AMIGOS DA BOLA

Caros amigos

Escrevo-vos esta carta por duas razões. A primeira é afirmar toda a minha adesão ao movimento de 25 de Abril. A segunda é avisar-vos que eu e alguns amigos meus, vamos fazer um novo partido: O Partido Democrático da Bola (PDB).

Resolvemos, após longa meditação, fazer este partido porque chagamos à conclusão de que a forma esférica é verdadeira movimentadora das massas populares: não apertam os proletários ainda um pouco mais os cintos para gastarem duas horas a ver 22 homenzinhos com fatos de carnaval a chutar num pedaço de coiro? Não rasgam e sujam as crianças as calças para magoarem os dedos a dar pimperotes em esferazinhas de vidro colorido?

Assim, amigos proletários, digo-vos: lutemos por um futebol livre e democrático!

Enchamos os nossos olhos com a poeira dos jogos de futebol!

Comamos o feno mal-cheiroso dos jornais desportivos!

Entupamos os nossos ouvidos com a cera dos relatos de futebol!

Tiremos a comida da boca dos nossos filhos para irmos gastar o dinheiro em bilhetes, emblemas e galhardetes!

Amigo proletário, filia-te no nosso partido, pois nós seguimos a linha pura da política do futebol: para os ricos, a política, o poder; para os pobres, o futebol.

Um amigo do povo.

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"